

## BEBETECA: O percurso de desenvolvimento e evolução dos momentos de leituras com bebês

Karine dos Santos Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho, desenvolvido em 2024 em um espaço de desenvolvimento infantil de Maceió inspirado na abordagem Pikler, investiga a influência da leitura no desenvolvimento de bebês de 6 meses a 1 ano de idade durante os momentos de bebeteca. Partindo da concepção de que o contato com livros, desde os primeiros meses de vida, favorece a construção de vínculos, a segurança no ambiente e o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, analisou-se a evolução das interações das crianças com os livros ao longo do ano. O referencial teórico baseou-se em autores como Cabrejo Parra, que destaca a capacidade do bebê para a escuta e a construção de significados. A metodologia consistiu na observação das experiências do Grupo Ninho, acompanhando a progressão das interações desde uma exploração sensorial inicial até uma participação mais ativa e verbalizada nas leituras. No início, os bebês manipulavam livros sensoriais e cartonados, estabelecendo contato tátil e visual com as ilustrações. Progressivamente, passaram a demonstrar associações entre imagens, sons e gestos, utilizando cantigas como meio de expressão e interação. Como resultado, observou-se avanços na concentração, no reconhecimento de elementos narrativos e na vocalização de palavras, com preferências por livros como a coleção *Bibo*, de Silvana Rando, e *Jacaré, não*, de Antonio Prata. O estudo evidencia que a Bebeteca possibilita não apenas a aproximação dos bebês com a literatura, mas também contribui significativamente para sua socialização, amadurecimento cognitivo e desenvolvimento da linguagem.

**Palavras-chave:** Bebeteca, Primeiríssima Infância, Desenvolvimento infantil.

### INTRODUÇÃO

É de senso comum que os momentos de leitura são experiências benéficas e proporcionam um leque de contribuições positivas, independentemente da faixa etária. No fazer pedagógico, a leitura se faz presente em todo um contexto social e auxilia o desenvolvimento cognitivo, afetivo e crítico do ser humano. Quando pensamos em crianças muito pequenas, podemos nos questionar se, nessa fase, a leitura também trará reais impactos para o processo de desenvolvimento da criança — de forma mais específica, para o desenvolvimento do bebê. Segundo Evelio Cabrejo Parra, psicólogo colombiano:

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [karinesantos0929@gmail.com](mailto:karinesantos0929@gmail.com);



“O bebê, ao nascer, já vem com a capacidade de escutar. Quando se lê para ele em voz alta ou se canta uma canção de ninar, ele se põe em posição de escuta. Isso quer dizer que está tratando de construir significado à sua maneira.”

Nesse sentido, no campo de desenvolvimento do bebê, os momentos de contato com os livros, mediados por adultos, são igualmente benéficos, ainda que o foco, devido à faixa etária, se configure de maneira distinta. Partindo da premissa de que o bebê possui autonomia e liberdade para explorar o ambiente, respeitando seu próprio tempo, e de que esse espaço deve ser cuidadosamente planejado de acordo com seus interesses, o ambiente e as interações adulto-bebê passam a ser potentes oportunidades de aprendizado ativo.

Nesse contexto, a Bebeteca surge como um espaço que contribui para a criação de vínculos afetivos entre bebê e educador, fortalece o sentimento de segurança e confiança quanto ao espaço que o bebê está inserido e estimula o desenvolvimento cognitivo, comunicativo e socioemocional. Assim, o escopo deste trabalho é apresentar o percurso de desenvolvimento e evolução dos momentos de leitura com bebês, vivenciados pelo Grupo Ninho, evidenciando como a leitura, desde muito cedo, pode ser fonte de encantamento, escuta e descoberta.

A partir das observações e registros pedagógicos realizados ao longo do ano, foi possível analisar as transformações nas formas de interação dos bebês com os livros e com o adulto mediador, assim como a ampliação de sua expressividade e curiosidade diante das histórias. A metodologia adotada foi observacional e participativa, com registros em diários de campo, fotografias e narrativas docentes, buscando compreender o percurso de complexificação dos momentos de leitura na rotina dos bebês.

Para fundamentar as práticas, compreende-se que o ato de contar e o ato de ler histórias se configuram como ações distintas. Para Viotto (2011) a contação de histórias aproxima-se de uma vivência mais lúdica e afetiva, que envolve improvisação, expressividade e interação direta com quem escuta, podendo agregar outros elementos simbólicos, como cantigas e objetos mediadores. Já o ato de ler uma história, não faz com que a ludicidade seja perdida, mas implica apresentar a obra em sua linguagem original, preservando a estética do texto e convidando o bebê a um contato genuíno com a literatura.

As experiências relatadas evidenciam que a leitura, quando vivenciada com intencionalidade, sensibilidade e escuta, potencializa vínculos, desperta sentidos e favorece o desenvolvimento integral dos bebês, reafirmando que, mesmo na



Primeiríssima Infância, a leitura deve ser compreendida como um processo de construção social e cultural.

## **METODOLOGIA**

O trabalho desenvolvido tem caráter qualitativo, observacional e participante, fundamentado na escuta e no acompanhamento contínuo das experiências do Grupo Ninho, composto por bebês de 6 meses a 1 ano de idade. A metodologia consistiu em observar e documentar o percurso de desenvolvimento dos momentos de leitura — denominados Bebeteca — ao longo do ano letivo, acompanhando a progressão das interações desde uma exploração sensorial inicial até uma participação mais ativa, expressiva e verbalizada nas leituras.

A prática pedagógica foi orientada pelos princípios da abordagem Pikler, que segundo Falk (2016), reconhece o bebê como sujeito competente, ativo e capaz de construir conhecimentos a partir das interações com o ambiente e com o adulto mediador. Dessa forma, os momentos de leitura foram compreendidos como situações de descoberta, autonomia e vínculo, nas quais o bebê pôde explorar os livros segundo seu próprio tempo e interesse, em um espaço organizado para favorecer a livre circulação e o contato genuíno com a literatura.

Os instrumentos de coleta de dados incluíram observações diretas, registros em diário de campo, fotografias e narrativas pedagógicas elaboradas pela professora-pesquisadora. Tais registros permitiram analisar, de forma contínua e contextualizada, as transformações nas formas de interação dos bebês com os livros e com o adulto mediador, bem como os avanços na expressividade, curiosidade e envolvimento com as histórias.

A partir dessa metodologia, foi possível identificar o processo de complexificação dos momentos da Bebeteca, revelando como as experiências literárias se tornaram gradualmente mais intencionais, dialógicas e significativas, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e linguístico dos bebês.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A leitura, na perspectiva da primeira infância, deve ser compreendida como um processo de construção social e cultural, que se inicia muito antes da aquisição formal



Estudiosos como Evelio Cabrejo Parra (2015) e Yolanda Reyes (2015) destacam que a experiência literária com o bebê não se limita à decodificação de palavras, mas envolve o encontro entre vozes, a musicalidade da língua e a criação de vínculos afetivos por meio da leitura em voz alta. Para Cabrejo Parra, o bebê é um sujeito que escuta, interpreta e constrói sentido à sua maneira, participando ativamente da experiência literária. Assim, ler para um bebê é também reconhecer sua capacidade simbólica e comunicativa, mesmo antes da fala.

Além disso, o manuseio dos livros, as observações das imagens, o toque nas páginas e as reações diante da voz do adulto são formas iniciais de leitura do mundo, que contribuem para a constituição do sujeito leitor. Como afirma Silva (2013, p. 16): “A partir da leitura sensorial, a leitura emocional e racional vão se constituindo”.

Dessa forma, o referencial teórico que sustenta este trabalho parte da compreensão de que o contato genuíno com a literatura na Primeiríssima Infância é uma experiência afetiva, social e cognitiva, que favorece a formação de vínculos, a ampliação da linguagem e o despertar da sensibilidade estética. O percurso vivido pelo Grupo Ninho evidencia essa trajetória, em que o ato de ler com os bebês se complexifica gradualmente, revelando não apenas um avanço nas interações, mas também uma ampliação de sentidos, de escuta e de presença no ato de ler.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas ao longo do ano no contexto da Bebeteca, foi possível identificar diferentes fases no percurso de desenvolvimento das experiências literárias do Grupo Ninho, que revelam a progressão das interações dos bebês com o livro, com o adulto mediador e entre si.

Nos primeiros momentos de Bebeteca, as crianças demonstraram uma curiosidade crescente e uma habilidade emergente para explorar o mundo da leitura de maneira própria, guiadas pelo corpo e pelos sentidos. As interações eram marcadas por um envolvimento essencialmente sensorial e motor, em que o manuseio dos livros — de pano, plástico ou cartonados — se tornava o centro da experiência. Nessa fase inicial, frequentemente folheavam as páginas sozinhas, tocando e sentindo as diferentes texturas, mordendo ou batendo nas figuras, sem uma compreensão verbal clara do conteúdo, mas já iniciando o processo de familiarização com as ilustrações dos livros. Aqui, o livro ainda não aparecia como um objeto de leitura, mas sim como um objeto a ser explorado.

De acordo com princípios piklerianos, o bebê aprende por meio de experiências diretas e da liberdade de movimento, e é nesse contexto que o espaço educativo precisa garantir tempo, segurança e oportunidade para o bebê agir e descobrir por si. Assim, ao manipular os livros, os bebês do Grupo Ninho iniciaram um processo de apropriação simbólica, sentindo, visualizando e experimentando com o corpo inteiro.

Com o avanço das experiências, as educadoras começaram a introduzir elementos de oralidade e musicalidade. Ainda não se tratava de um momento de leitura convencional, mas de um processo de construção das primeiras narrativas. A partir das ilustrações, eram entoadas músicas que estabeleciam relações entre imagem, som e gesto, incorporando cantigas populares como uma forma de contar as histórias presentes naquelas ilustrações.

Um exemplo marcante foi o uso do livro cartonado e sensorial *Animais da Fazenda*, que apresentava diferentes animais e seus sons característicos. Para além da simples imitação dos sons, cada figura se tornava o ponto de partida para uma pequena história cantada — ao ver o pintinho, por exemplo, entoava-se *Meu Pintinho Amarelinho*, acompanhada de gestos e movimentos corporais. Esse mesmo processo era repetido com outros animais, articulando música, imagem e movimento em uma experiência integrada que ampliava a atenção e o envolvimento das crianças. Dessa



forma, as cantigas assumiram uma função narrativa, transformando-se em mediadoras entre um universo simbólico, motor e literário.

As observações mostraram que as crianças passaram a reagir de forma mais intencional às ilustrações, apontando figuras, emitindo sons e gesticulando para solicitar a repetição das canções. Esse fenômeno revela, segundo Vigotski (1988), a passagem da imitação à representação simbólica — um marco no desenvolvimento da linguagem. A expressão corporal, os olhares e o balbúcio demonstraram não apenas o prazer estético ou sensorio-motor, mas também a emergência de significados compartilhados entre bebê e adulto.

Além disso, as cantigas assumiram uma função ampliada: tornaram-se elementos constantes na rotina, solicitados espontaneamente pelas crianças fora do espaço da Bebeteca. Evidenciando o fortalecimento da memória corporal e afetiva, bem como o desenvolvimento da linguagem e da comunicação não verbal. Assim, essas pequenas histórias cantadas passaram a ocupar um espaço cotidiano, extrapolando o momento planejado e tornando-se parte da cultura do grupo.

Com o passar dos meses, foi possível observar uma transição gradual: os livros sensoriais deram lugar à narrativas literárias mais complexas, como a coleção *Bibo*, de Silvana Rando, e *Jacaré, não*, de Antonio Prata. As crianças passaram a demonstrar maior tempo de concentração, participação ativa e compreensão crescente das histórias lidas.

Durante as leituras, o grupo passou a se organizar autonomamente ao redor da educadora, demonstrando autonomia e engajamento. As interações tornaram-se mais dialógicas: as crianças apontavam, nomeavam figuras, imitavam sons e expressavam verbalmente partes do texto. Além de pequenas palavras, expressões como “óia, o moango!”, “uva, roxo” ou “banana, amarelo” passaram a surgir, revelando a conexão entre linguagem, pensamento e simbolização.

Essas manifestações linguísticas iniciais indicam que o contato contínuo com a literatura favoreceu não apenas a incursão na verbalização e a ampliação do vocabulário, mas também a capacidade de atribuir sentido ao mundo. Dessa forma, as observações e registros evidenciam que o contato genuíno com a literatura na Primeiríssima Infância se configura como um processo de construção social e simbólica, que emerge das relações entre corpo, afeto e linguagem.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido na Bebeteca evidenciou que o contato com a literatura na Primeiríssima Infância é um processo que se constrói gradualmente, acompanhando o ritmo e as possibilidades de cada bebê. As observações realizadas ao longo do ano demonstraram que o envolvimento dos bebês com os livros ultrapassa o campo sensorio-motor e alcança dimensões simbólicas, afetivas e sociais. O ato de folhear, tocar, escutar e observar constitui-se como uma linguagem própria, por meio da qual o bebê começa a construir significados sobre o mundo e sobre si mesmo.

A transição observada — da exploração sensorial dos livros à participação ativa nas leituras — confirma que a literatura, quando inserida de forma intencional e respeitosa no cotidiano da criança, contribui significativamente para o desenvolvimento da linguagem, da cognição e da socialização. Além disso, o papel do adulto mediador mostrou-se essencial nesse processo, como presença sensível que escuta, observa e interpreta os gestos e expressões dos bebês, abrindo espaço para que o contato com os livros se torne um diálogo e não uma imposição.

Esse trabalho reforça o entendimento de que o acesso à literatura desde os primeiros anos de vida deve ser compreendido como um direito da criança. O ambiente preparado, as interações mediadas e as experiências de leitura compartilhadas fortalecem vínculos e promovem aprendizagens que ultrapassam a decodificação da palavra escrita, configurando-se como experiências fundantes de linguagem, pertencimento e vínculo.

No campo empírico, os achados contribuem para o fortalecimento das práticas pedagógicas voltadas à Primeiríssima Infância, especialmente aquelas ancoradas em abordagens que reconhecem a autonomia e a competência do bebê. Evidencia-se, assim, a importância de investir em espaços de formação docente que abordem a literatura não apenas como recurso didático, mas como experiência estética, simbólica e relacional.

Por fim, considera-se que novas investigações podem aprofundar a compreensão sobre os impactos de projetos de leitura com bebês em diferentes contextos educativos e socioculturais, ampliando o diálogo entre teoria e prática, entre infância e literatura, e entre o olhar do pesquisador e o olhar dos próprios bebês. Nesse sentido, o presente estudo se propõe como uma contribuição para o campo da Educação Infantil, especialmente no reconhecimento da leitura como um ato de encontro, linguagem e cultura desde o início da vida.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às crianças do Grupo Ninho, que com seus gestos, olhares e descobertas tornaram possível a construção desta pesquisa. Cada movimento, toque e expressão diante dos livros revelou novas formas de compreender o mundo, meu fazer pedagógico e inspirou os caminhos deste trabalho.

À Escola Vila Materna, pelo espaço de escuta, pesquisa e experimentação, e por enxergar as singularidades da infância.

Às colegas educadoras que compartilharam observações, reflexões e trocas diárias, sustentando a construção coletiva das propostas da Bebeteca.

Por fim, à infância, por nos permitir observar os encantos que nascem do encontro, da curiosidade e das primeiras experiências.

## REFERÊNCIAS

FALK, Judit. Abordagem Pikler: educação infantil. São Paulo: **Ominisciência**, 2016.

FALK, Judit. Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Lóczy. São Paulo: **Omnisciência**, 2022.

NOVA ESCOLA. Qual é a diferença entre ler e contar histórias? **YouTube**, 4 out 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=e7A4Ec\\_ictk](https://www.youtube.com/watch?v=e7A4Ec_ictk)>. Acesso em: 26 out. 2025.

REYES, Yolanda.; CABREJO-PARRA, Evélio.; LACERDA, Patrícia. A leitura na primeira infância. In: PRADES, Dolores.; LEITE, Patrícia. (org.). A formação dos mediadores. São Paulo: **Livros da Matriz**, 2015.

SBP. Receita um livro: fortalecendo o desenvolvimento e o vínculo: a importância de recomendar a leitura para crianças de 0 a 6 anos. São Paulo: **Sociedade Brasileira de Pediatria**, 2015.

SILVA, Maria. O livro de imagem e sua influência na formação do pré-leitor. João Pessoa: **UFPB**, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4282/1/MSS06022014.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2025.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: **Martins Fontes**, 1988.

